

Fiocruz diz que Rio vive um surto de vírus

Superlotação das maternidades públicas favorece a contaminação do sincicial respiratório em bebês

Patrícia Faria

• A chefe do Laboratório de Vírus Respiratório da Fundação Oswaldo Cruz, Marilda Mendonça Siqueira, afirmou ontem que o Rio de Janeiro está vivendo um surto causado pela presença do vírus sincicial, que ataca o sistema respiratório e é comum nessa época do ano. Segundo ela, a superlotação das maternidades favorece a contaminação: na Maternidade Alexander Fleming, em Marechal Hermes, por exemplo, 45 bebês prematuros correm o risco de serem contaminados pelo vírus, porque junto com três bebês contaminados, na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) da maternidade, estão outros 20. Na UTI só cabem 12 recém-nascidos.

O mesmo vírus já contaminou 38 bebês naquela unidade desde o dia 20 de março, quando ele foi identificado. Na Unidade de Tratamento Intermediário (UI) o quadro não é diferente: seis bebês que pegaram a virose estão junto com 25 outros prematuros que necessitam de cuidados especiais mas que não contraíram o vírus. A secretaria municipal de Saúde informou ontem que não há possibilidade da abertura de novos leitos em UTI neo-natal, pelo menos por enquanto.

Até agora, a virose provocou a morte de dois bebês no Instituto Fernandes Figueira, no Flamengo e há suspeita de outra morte na Alexander Fleming. Ao todo já foram contaminados 53 bebês que estavam internados em unidades



MÉDICAS DA FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz fazem exame na mucosa nasal de um dos bebês na Alexander Fleming

públicas de atendimento: 38 na Alexander Fleming e 15 no Instituto Fernandes Figueira.

A diretora da Alexander Fleming, Selene Maria Bezerra, descartou a possibilidade imediata de os bebês contaminados serem isolados, frisando que além de não ter espaço físico, não poderia fechar as portas para a população carente da Baixada e da Zona Oeste que, muitas vezes, só conta com aquela maternidade:

— Estamos certos de que nosso procedimento está correto: só estamos internando mães e bebês que correm risco e os funcionários estão usando luvas e máscaras — afirmou Selene.

No entanto, mães internadas estão preocupadas com a contaminação. Em um bilhete feito em toalha de papel e entregue a repórteres do GLOBO, elas dizem que estão com medo de verem seus filhos morrerem.

A secretaria municipal de Saúde poderá adotar novas medidas para conter a doença, como o isolamento dos bebês. Isso dependerá do resultado dos exames feitos ontem pela Fiocruz. Até agora o município não pretende importar o medicamento Ribavirin, que está dando excelentes resultados nos 11 bebês que continuam internados no Fernandes Figueira e onde a contaminação está sob controle. ■

Marco Antonio Cavalcanti